

Retorno pelos trilhos

Gladys Aylward ficou na ponta dos pés, tentando esticar ao máximo seu metro e meio de altura enquanto espiava a extremidade final da plataforma de madeira do trem. Assustadores *flashes* de luzes alaranjados iluminavam o céu e a floresta a leste. Barulhos altos de tiros e estampidos de canhões ecoavam na escuridão. À sua frente, estavam os trilhos da ferrovia. Embora o trem tivesse passado estrondosamente por eles a menos de uma hora, eles já estavam cobertos pela neve que caía de forma contínua, cobrindo tudo.

Gladys apertou o casaco pesado com mais firmeza em volta do corpo e estremeceu. Ela não queria sair da plataforma e começar a jornada, contudo, não tinha escolha. E a única razão pela qual ela não tinha escolha naquele momento decorria de sua recusa a descer do trem mais

cedo, quando solicitada, e o condutor frustrado permitir que ela permanecesse a bordo enquanto o trem serpeava pela floresta siberiana. Agora Gladys repreendia-se por ser tão teimosa e não ter descido do trem em Chita, como todos os outros passageiros. No entanto, ela acreditava que cada quilômetro percorrido em sua trajetória, era um quilômetro mais perto da China. Era. Contudo, também era um quilômetro percorrido em direção a uma zona em guerra!

Tudo parecera tão fácil na Agência Marítima Muller, em Haymarket, Londres, onde o funcionário traçou a rota em um mapa. — Ao longo do canal da Mancha, de barco, saindo de Hull — ele disse. — Embarque no trem em Haia, Holanda, e continue por terra através da Alemanha, Polônia, Rússia, Sibéria e Tianjin, China.

Gladys franziu a testa. Por mais fácil que parecesse na época, o funcionário também havia mencionado a ocorrência de uma guerra na Sibéria. No entanto, para Gladys, com 28 anos completos, era apenas um detalhe sem importância no grande esquema. O importante era chegar à China. Agora ela se via bem no meio do detalhe desimportante! O trem em que ela viajava foi parado bem na linha de frente da pequena guerra entre a Rússia e a China. Ele trouxera novos soldados russos para o fronte de batalha e agora esperava para recolher os mortos e feridos e levá-los para longe de lá. Contudo, quanto tempo levaria para encher o trem com os mortos e feridos, ninguém sabia. Talvez uma semana. Talvez um mês.

Possivelmente não até o dia de ano novo, 1.º de janeiro de 1931! Ninguém parecia saber ao certo.

Por fim, o frustrado condutor ofereceu para Gladys uma xícara de café preto bem forte e apontou para os trilhos do trem na direção oposta, que retornavam de onde ela havia chegado. Embora ele não falasse inglês, sua mensagem era clara: Gladys não era mais bem-vinda para ficar e esperar o retorno do trem. Ela ia ter que voltar a Chita a pé.

Com as malas nas mãos, Gladys desceu até os trilhos da ferrovia e começou a jornada de volta. Enquanto caminhava, lembrava da paisagem. Ela não havia visto uma única pessoa, nem mesmo a luz de uma casa ou de um celeiro, na jornada até lá. Eram 50 quilômetros onde não havia nada além da floresta escura e espessa.

Um vento gelado atingiu o rosto exposto de Gladys. Ela sentia o frio penetrar pelas meias de lã e pelo suéter. Com cada chicotada do vento à sua volta, ela sentia as forças mais minadas. Logo, ela não conseguia mais carregar as malas; então, começou a arrastá-las pela neve. Uma panela e uma chaleira foram amarradas do lado de fora de sua bolsa menor, e elas faziam bastante barulho enquanto puxadas.

Gladys caminhava e tropeçava havia quase uma hora, quando percebeu que o brilho alaranjado do fogo dos canhões não aparecia mais no horizonte. Mesmo que ela estivesse na linha de frente da batalha, o pensamento de pessoas por perto era estranhamente reconfortante.

Agora, contudo, ela se encontrava completamente sozinha no vasto deserto siberiano, caminhando ao longo de trilhos de trem cobertos de neve. De vez em quando, uma grande quantidade de neve escorregava de um galho de árvore e caía com um baque alto. Gladys parava e espiava as sombras escuras da floresta e se perguntava se aquele era o som de um urso ou de um lobo que poderia estar por perto. Os animais estavam lá fora, e uma mulher solitária na floresta à noite era uma presa fácil para eles.

Gladys começou a se perguntar se voltaria de fato a Chita, ou se o frio ou uma fera reivindicariam sua vida primeiro. No entanto, ela precisava voltar. Ela tinha coisas a fazer na China. Deus a chamara para servi-lo lá. Com certeza ele não a deixaria morrer na neve na floresta siberiana.

Lentamente Gladys se arrastava pelos trilhos. As horas pareciam se multiplicar de forma infinita. Seus pés ficaram dormentes e ela começou a arrastá-los e deslizá-los, como fazia com as duas malas. Mesmo sendo teimosa como uma mula, Gladys precisou admitir que estava totalmente exausta. O que ela deveria fazer? Se parasse, poderia preparar um café quente e comer um biscoito velho. No entanto, conseguiria continuar depois de comer? Ela ouvira histórias de pessoas que, quando presas no frio e na neve, ficavam tão exaustas que se sentavam e congelavam até a morte. Gladys estava com medo de isso acontecer consigo. No entanto, ela sabia que, se continuasse desse jeito, no fim, cairia de cara na neve. Então,

sem nada quente no estômago, não teria energia para se levantar de novo.

Por fim, ela não conseguiu mais resistir à tentação do biscoito envelhecido e da xícara de café quente. Limpou a neve até sentir um dos trilhos da estrada de ferro logo abaixo. Com as duas mãos, tirou o pequeno fogareiro a álcool da mala, colocou-o no trilho e tentou acendê-lo. Seus dedos estavam tão dormentes e enrijecidos que ela precisou de quatro tentativas antes que uma chama amarelo-azulada começasse a brilhar do fogãozinho. Gladys colocou um pouco de neve na chaleira e colocou a chaleira no fogão para derreter e transformar a neve na água quente que ela precisava.

Com um biscoito e um café quentinho no estômago, Gladys se sentiu mais cansada. No entanto, ela não ousaria dormir no deserto congelado. Contudo, no final, ela cedeu e prometeu a si mesma que dormiria por pouco tempo. Arrumou as malas em volta de si e puxou a parte de cima do casaco de pele por cima da cabeça. Então se deitou em posição fetal e adormeceu.